

BRINQUEDOTECA HOSPITALAR E A IMPORTÂNCIA DA HIGIENIZAÇÃO DOS BRINQUEDOS

DE PAULA, Nisley Martins¹- Uniesp – Birigui-SP

COSTA, Edwaldo² - PUC-SP

RESUMO

A brinquedoteca hospitalar é um direito legalmente assegurado às crianças por meio da Lei 11.104/05. Esta pesquisa tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a necessidade da brinquedoteca para amenizar o sofrimento e trauma que a hospitalização pode causar à criança, a importância do pedagogo obter conhecimentos perante os cuidados necessários em relação à higienização dos brinquedos, ter criatividade em criar estratégias de interação da criança com os jogos e com o ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Brinquedoteca; Hospitalização; Pedagogo; Jogos e Brinquedos;

ABSTRACT

The hospital playroom is a legally guaranteed right to children by means of Law 11,104 / 05. This research aims to present some reflections on the need for the toy to alleviate the suffering and trauma that hospitalization can cause the child, the importance of teacher knowledge before obtaining the necessary precautions regarding cleaning of toys and creativity in creating interaction strategies children with games and the hospital environment.

Key Words: Toy Libraries, Hospitalization; Pedagogue, Play and Playthings;

INTRODUÇÃO

A palavra brinquedoteca está relacionada diretamente com o brincar. E este tem um papel importante na aprendizagem e aquisição de conhecimentos das crianças. Ao fazer essas atividades, elas vivem experiências fundamentais.

Segundo Françani et al (1998), para a criança, o ato de brincar é um meio natural de expressão, tornando-se indispensável para seu bem-estar físico, mental, emocional e social. Quando a criança brinca, ela depara-se com o mundo da fantasia envolvendo-se em situações imaginárias, com a ajuda dos brinquedos, podendo dar a elas o desfecho que achar melhor, expondo suas

¹Estudante do 4º período, do Curso de Pedagogia da Uniesp de Birigui, email: pannika.npmp.nm@gmail.com

²Doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. email: guga.aracatuba@terra.com.br

emoções e conflitos. A criança envolvida com brincadeiras apropriadas para cada etapa de seu desenvolvimento vivencia experiências que auxiliam na função de uma personalidade íntegra e completa.

Para compreender melhor o assunto, esta pesquisa retrocede a teóricos e pesquisadores a fim de apresentar uma reflexão sobre o brincar e suas contribuições no desenvolvimento das crianças, especificamente nas hospitalizadas.

A brinquedoteca hospitalar permanece como um desafio para muitas cidades, pesquisadores e gestores de alguns hospitais. Embora muito se tenha escrito sobre o tema, novas abordagens ainda são necessárias devido à complexidade em questão.

Informações e pesquisas já feitas por diversos pesquisadores e especialistas no assunto vão nortear definições, indicar brinquedos e precauções que devem ser consideradas durante as atividades nas brinquedotecas hospitalares. Pretende-se que esta pesquisa sirva de referência e suporte para os interessados no assunto.

Em seu aspecto metodológico, trata-se de uma revisão de literatura realizada através de levantamentos de artigos científicos nas bases de dados da Scielo, Lilacs, Medline, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Domínio Público. Livros, manuais e sites especializados no tema também foram consultados.

A pesquisa será dividida em três capítulos. O primeiro faz um panorama da brinquedoteca no Brasil e no mundo. O capítulo dois conceitua brinquedoteca hospitalar. A Legislação e a escolha dos brinquedos serão abordadas nos capítulos três e quatro. Ficando as considerações finais no capítulo cinco.

1. PANORAMA DA BRINQUEDOTECA

De acordo com Cunha (1992) a sugestão de um espaço infantil para brincar surgiu no ano de 1934, na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, por um diretor de escola após receber queixas de um proprietário de loja de brinquedos que as crianças estavam roubando. Assim tiveram a idéia de formar um local onde se pudessem emprestar brinquedos para aquelas crianças que não tinham com o que brincar.

A expansão das brinquedotecas aconteceu com mais intensidade em 1960. Vários países da Europa criaram um espaço para empréstimos de brinquedos. Na Inglaterra deu-se o nome de *Toy Libraries* (biblioteca de brinquedos). Na França, Itália Suíça e Bélgica os locais que emprestam brinquedos e recebem visitas das crianças são conhecidos como *Ludotecas*. A Suécia adotou *Lekoteks*. Com o reconhecimento da importância do brincar e do brinquedo para o desenvolvimento da criança, em 1979, realizou-se em Londres o primeiro congresso sobre o trabalho iniciado com empréstimo de brinquedos. (HYPOLLITO, 2005, p. 33)

No Brasil, a ideia surgiu após o sucesso de uma exposição de brinquedos realizada pela APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) com o intuito de mostrar o que havia disponível no mercado pelo Setor de Recursos Pedagógicos na década de 70. (CUNHA, 1992)

A brinquedoteca brasileira difere-se das “ludotecas” e “toy libraries” porque estas têm seu trabalho mais voltado para os empréstimos de brinquedos, ao passo que, na Brinquedoteca brasileira, o trabalho está mais voltado para o brincar.

No ano de 1981, concretizou-se um espaço totalmente diferenciado dos já existentes, após a apresentação do livro *Material Pedagógico- manual de utilização* publicado pelo MEC-FENAME no II Congresso Internacional de Brinquedotecas (Toy Libraries Internacional Conference) que apresentou a importância dos brinquedos como instrumentos enriquecedores para o processo de aprendizagem, tendo uma forte estimulação em criar um espaço específico para que as crianças pudessem brincar livremente, surgindo à primeira brinquedoteca na Escola Indianópolis, em São Paulo.

Em 1985 foi inaugurada a brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (LAPRINP), conforme informação no *site* da USP.

Kishimoto (1992, p.51) relata que a brinquedoteca se expandiu ao longo dos tempos e passou a oferecer grande variedade de espaço como em escolas, hospitais, universidades, comunidades entre outros, mas todas com o objetivo em comum, o desenvolvimento das atividades lúdicas e a valorização do brincar.

Segundo a professora e pesquisadora da USP, Tizuko Morchida Kishimoto os tipos de brinquedotecas são: brinquedotecas nas escolas, nas comunidades ou bairros, para crianças portadoras de deficiências físicas e mentais, em hospitais, em universidades, de testagem de

brinquedos, circulantes, em clínicas psicológicas, centros culturais, junto a bibliotecas e temporárias.

Apenas a brinquedoteca hospitalar será abordada em profundidade, por ser tema desta pesquisa.

2. CONCEITOS DE BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Para facilitar o entendimento preferiu-se nesta pesquisa, primeiro conceituar brinquedoteca e depois brinquedoteca hospitalar.

A Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABB) conceitua brinquedotecas como espaços mágicos destinados ao brincar das crianças e alerta para o fato de que não podem ser confundidas com um conjunto de brinquedos ou depósito de crianças, pois a criação de uma brinquedoteca está sempre ligada a objetivos específicos tais como sociais, terapêuticos, educacionais, lazer, etc.

De acordo com Santos (1997) a brinquedoteca é um espaço que oferece condições para a formação da personalidade e é onde são cultivadas a criatividade e a sensibilidade. Na brinquedoteca, as crianças são livres para descobrir novos conceitos, realizar experiências, criar seus próprios significados ao invés de apenas assimilarem os significados criados por outros indivíduos.

A escola pode ensinar, a psicopedagogia pode cuidar dos problemas de aprendizagem, a psicologia pode resolver problemas emocionais, a família pode educar, mas a brinquedoteca precisa preservar um espaço para a criatividade, para a vida afetiva para o cultivo da sensibilidade; um espaço para a nutrição da alma deste ser humano-criança, que preserve sua integridade, através do exercício do respeito à sua condição de ser em formação. (SANTOS, 1997, p.21)

Almeida (1997) diz que para a criança é de grande importância o incentivo dos adultos (pais ou professores) em suas brincadeiras, para que estes não a privem de se movimentar nesta fase em que a criança precisa gastar as energias que possuem. Os pais podem ajudar a operar pequenas tarefas de casa, sendo isto uma das coisas que a criança adora fazer e não impedi-las dizendo que irá atrapalhar. É importante que a criança ouça histórias, monte e desmonte objetos, desenhe, escreva, porém, tudo à seu tempo e conforme a sua própria vontade. Nunca force o aluno ou a criança a assimilar nada além daquilo que é capaz de fazer naturalmente e com prazer.

Para Ramalho (2000) a brinquedoteca é um local mágico que convida a criança a brincar, livremente ou com auxílio de adultos, com vistas à construção da cidadania, criatividade, socialização, afetividade, autoestima, raciocínio lógico, desenvolvimento das capacidades motoras, memória, percepção, imaginação, senso de organização e assimilação cultural.

Segundo Solé (2007), a ludoteca é um tipo de instituição recreativo-socioeducativa que, partindo do jogo como necessidade antropológica e cultural, potencializa o direito universal da infância a jogar pelo prazer do jogo. Dispõe de espaços distribuídos e ambientados para o jogo, de um fundo estruturado (organizado e classificado) de brinquedos e elementos lúdicos, de oficinas para desenhar, construir e reparar jogos e brinquedos, de uma equipe de profissionais especializados responsáveis pelo desenho, execução, avaliação do projeto lúdico.

Françani et al (1998) destaca a importância do brincar em um ambiente hospitalar, destaca-se, no desenvolvimento sensório-motor e intelectual da criança, assim como acaba influenciando no processo de socialização, no desenvolvimento e aperfeiçoamento da criatividade e autoconsciência. Enfim, o ato de brincar é um dos fatores mais importantes da vida de uma criança, tornando-se também um instrumento eficaz para diminuir o estresse.

Segundo Oliveira et al (2008), a internação traz transtornos emocionais e psicológicos na vida de uma criança, favorecendo sofrimento que conduz a regressão de seu desenvolvimento. Estes transtornos são evidentes quando se manifestam por sentimento de dor, desconforto e mal-estar. A hospitalização leva a criança à necessidade de afastar-se de sua casa, escola, amigos e familiares, para ingressar em um ambiente completamente diferenciado daquilo que ela costumava viver, com pessoas estranhas, imersas em uma rotina alheia ao seu modo de vida e um aparato terapêutico cuja finalidade é completamente desconhecida para ela.

A internação, o distanciamento da família e os procedimentos invasivos, muitas vezes, acabam levando a criança a se retrair de sua verdadeira identidade, fazendo com que ela torne-se mais vulnerável à ansiedade, medo, angústia e tristeza, prejudicando seu desenvolvimento e não contribuindo ao tratamento e sua recuperação (LEITE et al., 2007).

Conforme Isidório (2009) a criança, quando internada não consegue expressar a sua doença. Assim ela acaba manifestando-se pelo choro e irritabilidade, pois ela não se encontra apta para consentir sobre seu tratamento. “No período de internação é importante dar um atendimento diferenciado à criança, ou seja, uma atenção especial”. (ISIDORO, 2009).

Dentre algumas estratégias para amenizar os efeitos da internação, encontra-se o brinquedo e a brincadeira, como recurso terapêutico para oferecer oportunidades à criança, de interagir e lidar com mais facilidade nas diversas situações traumáticas, desde a separação familiar e os procedimentos invasivos e dolorosos, até a capacidade de desenvolver um vínculo mais afetivo com a equipe multiprofissional envolvida. Desta forma, os “pequenos pacientes”, começarão a entender melhor o que acontecerá com eles, diminuindo seu medo do tratamento, não demonstrando tanta resistência aos procedimentos (FAVERO et al., 2007).

3. LEGISLAÇÃO

O direito da criança à liberdade de brincar e desenvolver-se em sua família e comunidade é assegurado pela Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959), adotado pelas Nações Unidas.

Em concordância com a política de um atendimento humanizado em hospitais, foi estabelecido a Lei 11.104/2005 sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que obriga hospitais que dispõem atendimentos pediátricos em regime de internação a obter Brinquedoteca Hospitalar, entendido como espaço com brinquedos e jogos educativos para estimular a criança e seus acompanhantes a brincar.

Muitos críticos acham a lei falha, pois não é explícita quando se refere ao período de permanência necessária que a criança tem que ter no hospital, sendo propícias brechas para que lugares com internações pediátricas rápidas evadam com suas responsabilidades.

Estudiosos vêem a necessidade do lúdico em todos os momentos da fase infantil. Para Piaget (1974, p. 25), “os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar a energia das crianças, mas meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual”.

O ideal para alguns pesquisadores é que a brinquedoteca hospitalar seja instalada em qualquer hospital que ofereça atendimento pediátrico, pois a criança pequena não tem noção de tempo, ela o mensura a medida das sensações do seu corpo. A internação, por mais breve que seja, afasta a criança de seus familiares, das suas rotinas, faz-se sentir assustada e abandonada, por ser

uma experiência desagradável, pondera eterna sua permanência no hospital, podendo causar-lhe traumas e consequências futuras.

Cunha e Viegas (2003) alertam,

É fundamental lembrar que a vida da criança, seu crescimento e desenvolvimento físico, mental, emocional e social, não estacionam, mas continuam evoluindo durante a internação no hospital. A hospitalização, impedindo suas atividades normais junto à família e dos amigos, na escola e em tudo que faz parte do seu dia-a-dia, quebra o ritmo e pode modificar a criança (...) (CUNHA; VIEGAS, 2003, p.11).

Vários estudos e pesquisas na área da saúde apontaram que não só o fator medicamento contribui para a melhora do quadro clínico da criança, mas outras ações devem ser levadas em consideração.

Capra (2001, p.308) afirma que “A doença não é considerada um agente intruso, mas o resultado de um conjunto de causas que culminam em desarmonia e desequilíbrio”. Dessa forma, o tratamento, não se deve restringir apenas ao físico, mas também ao emotivo e psíquico. Muitos tratamentos são feitos em conjuntos com terapeutas e psicólogos.

Desde 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo mais específica a lei 8.069, reconhece e regulariza o direito a educação - formal e não formal - a todas as crianças e jovens, inclusive as que se encontram em tratamento de saúde hospitalar. Portanto soma-se aos tratamentos emocionais já mencionados o pedagógico.

Segundo Friedmann (2002), o brincar surge como oportunidade para o resgate dos nossos valores essenciais enquanto seres humanos e como potenciais para cura psíquica e física. Nesse sentido, a atividade que envolve a ação lúdica - que se faz pelos brinquedos e as brincadeiras - tem múltiplas funções na vida do indivíduo que brinca.

Percebe-se, que o brincar pode ser visto como mais uma ferramenta que na maioria das vezes contribui no processo de reabilitação e até mesmo cura da criança, uma vez que, o lúdico trabalha com o equilíbrio e a satisfação mental.

O lúdico quando trabalhado em hospitais, de certa maneira, reduz a sensação de mudança brusca do cotidiano e diminui a sensação de isolamento.

É importante assegurar à criança o direito de brincar e desenvolver-se inclusive em hospitais.

4. A ESCOLHA DOS BRINQUEDOS

É comum alguns brinquedos ter em sua embalagem o direcionamento da faixa etária e os benefícios que eles podem proporcionar. Normalmente são escolhidos pelos pais e professores conforme os interesses e as necessidades das crianças.

É importante o adulto estar ciente que a seleção dos brinquedos não deve se basear apenas no critério “faixa etária”. Cunha (2001, p.36) alerta que “cada criança tem seu ritmo próprio de desenvolvimento”.

Observando o brincar da criança, Piaget (Apud KISHIMOTO, 2002), percebeu o jogo como um fator determinante para seu crescimento. Investigou em todo o desenvolvimento infantil a existência de três tipos de jogos conforme cada estágio em que a criança se encontra, são estes: Jogos de Exercícios, Jogos Simbólicos e de Regras. Vale colocar que, “embora os estágios de desenvolvimento, pelos quais as crianças passam sejam semelhantes, a época e a forma como eles se processam varia bastante” (CUNHA, 2001, p.37).

Piaget (apud CUNHA, 2001, p. 51) classifica o desenvolvimento infantil por estágios, estabelecendo-os por faixa etária, de maneira possível em perceber a evolução do brincar conforme os interesses de cada idade.

Estágio Sensório-motor: Compreendido entre a faixa etária de zero a dois anos.

Este período é caracterizado pela aquisição de comportamentos involuntários da criança, pois a mesma no primeiro mês de vida apresenta apenas reflexo. No decorrer de seu desenvolvimento ela começa adquirir informações por meio dos sentidos. Já entre os seis e doze meses de vida da criança, são frequentes os jogos de exercício em que trabalha com longas repetições a sua própria ação, como esticar e encolher as pernas e os braços, levar objetos a boca, entre outros. Essas atividades acima referidas são realizadas por mero prazer, chamadas de atividades motoras. Para atender as necessidades da criança neste período, é importante que sejam colocados, ao seu alcance, brinquedos que venham estimular seu desenvolvimento. O brincar nesta fase, está voltado para o encaixe, o esconder, manusear, explorar e o descobrir objetos. Ressalta-se também que, os brinquedos podem ser todo o seu ambiente: objetos, sons, efeitos visuais, espaços, cores (móviles coloridos), figuras e pessoas.

Dos doze aos dezoito meses: "A criança começa a observar o efeito de sua conduta no ambiente a sua volta" (CUNHA, 2001, p.39). Aprende a andar, explorar os espaços e exercitar-se correndo de um lado para outro, usa as duas mãos juntas para pedir as coisas apontando para os objetos, aumenta seu vocabulário e a mesma palavra pode ter vários significados.

Os brinquedos, nesta fase, devem ser os chamados brinquedos pedagógicos, ou seja, aqueles que estimulam a manipulação, como encaixar argolas, empilhar tampinhas, apertar botões, que fazem saltar peças ou abrir portinhas. (CUNHA, 2001, p.40)

Dos dezoito aos vinte e quatro meses, a criança passa a internalizar as ações realizadas e lembra-se das pessoas e coisas. Sua memória já está ativa, começando o processo de

representação e limitação mental, o que mais tarde é consumado no surgimento da brincadeira simbólica, chamado na próxima fase, de jogo do faz-de-conta.

Para esta fase, são necessários brinquedos que satisfaçam suas necessidades de movimentação, como: brinquedos de empurrar, blocos de construção, brinquedos de puxar, cavalinho de pau, túneis para passar por dentro, jogos simbólicos e outros.

Estágio Pré-operacional: Compreendido entre dois a sete anos.

É o segundo estágio de desenvolvimento cognitivo. Aproximadamente aos dois anos, quando a criança está saindo do estágio sensório-motor, ela já é capaz de planejar suas ações e de fazer representações com os objetos, por exemplo, uma tampinha vira um copo, uma caixa de sapato vira berço, ou seja, o chamado jogo simbólico. "Este jogo é marcado pelas brincadeiras de faz-de-conta, mas, inicialmente, esta atividade é executada de maneira solitária, envolvendo modos próprios de ver, sentir e reagir de cada indivíduo. Por volta dos três anos de vida surgem às brincadeiras simbólicas coletivas" (OLIVEIRA, 1992, p.22).

Vale salientar que, entre os dois e quatro anos, a criança ainda não é capaz de formar conceito corretos, mas a linguagem verbal se desenvolve bastante, interessando-se pelo nome de tudo e definindo as coisas a sua maneira; este é o chamado período pré-conceitual. Nesta faixa etária, os brinquedos mais adequados são: livro de pano, que desenvolve a linguagem verbal, telefone, que desenvolve o raciocínio lógico, panelinhas e outros objetos que estimulam o faz-de-conta.

Já a fase que corresponde, mais ou menos, dos quatro aos sete anos, a criança começa a argumentar e embora suas razões ainda não sejam uma lógica, é capaz de classificar e dá nome as classes, considerando mais de um atributo, faz ordenações por tamanho e estabelece sequências. Tudo isso, por estar no período intuitivo, pois Piaget (Apud NICOLAU, 1987, p.56) enfatiza que "[...] para desenvolver o pensamento infantil há necessidade de ações, não de palavras [...] é a criança que constrói o seu conhecimento, tendo por base sua abordagem pessoal e de combinações ambientais favoráveis [...]". Então, os brinquedos aconselháveis são: bloco de construção, material para pintar e desenhar, jogos: de dominó, da dama, da memória, carrinhos de boneca e livro de história.

Estágio das Operações Concretas: período dos sete aos doze anos

Neste estágio, observa-se a presença dos jogos de regra, pois a criança brinca mais em grupos, o que caracteriza a existência de um conjunto de normas, sendo que seu descumprimento é normalmente penalizado, ocorrendo também uma forte competição entre os indivíduos. Esse jogo aparece quando a criança abandona a fase egocêntrica, possibilitando o desenvolvimento dos relacionamentos afetivo-sociais. Para brincar nesta fase, sugere-se: bolas e raquete; boliche, a peteca, quebra-cabeça mais complexo; futebol de salão; sucata e ferramentas para a construção de brinquedos.

Estágio das operações formais: a partir de doze anos em diante

Neste estágio, faz-se necessário estabelecer novas propostas para se brincar, pois o indivíduo estará entrando na pré-adolescência e nesta etapa, os brinquedos, segundo CUNHA (Opcit. p. 45), são "os chamados jogos de adulto, os jogos sociais, que podem proporcionar, além de informações, muita diversão, pois costumam tratar de temas atuais". (PIAGET, 1974).

Diferente de Piaget, Vygotsky (1991) considera que o desenvolvimento e as funções psicológicas superiores são construídos no dia-a-dia.

Nota-se, que o brincar é uma preocupação antiga dos educadores. Por isso, que com o passar do tempo jogos e brincadeiras ocupam cada vez mais lugar de destaque.

De acordo com as considerações dos autores acima, uma brinquedoteca além de colaborar no tratamento da criança enferma proporciona aprendizado e desenvolvimento.

Como esta pesquisa cita muito a palavra criança, achou-se necessário classificar a faixa etária conforme o art.2º, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompleto e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

4.1 BRINQUEDISTA, BRINQUEDOS E HIGIENIZAÇÃO

Entre todos os pesquisadores existe um consenso da necessidade do profissional qualificado em cada brinquedoteca hospitalar. É preciso cursos e capacitações para se trabalhar nesta área e desenvolver um trabalho planejado, eficiente e criativo.

A brinquedoteca hospitalar não existe somente para distrair a criança de sua doença e hospitalização, mas para prepará-la para as novas situações, inclusive para a volta ao seu lar e é nesta certeza que se alicerça a relevância de que existam espaços como estes nos hospitais contando com a presença de profissionais qualificados, os brinquedistas. (SILVA, 2006).

Negrine chama o profissional desta área de brinquedista. “Aquele que deve ser preparado, não apenas para atuar como animador, mas também como observador e investigador da demanda dos usuários no âmbito das brinquedotecas” (NEGRINE, 1997, p. 87).

É importante que o brinquedista também esteja preparado para lidar com crianças deficientes, de diversas faixas etárias e classes sociais.

Ainda segundo Negrine (197, p.87) o brinquedista antes de assumir o cargo deve se preocupar com a formação-teórica, a formação pedagógica e a formação pessoal. Estes pilares exprimem a necessidade de que é indispensável o trabalho conjunto do pensamento e do corpo.

Para Kailer e Mizunuma (2009), nada adianta a brinquedoteca ser provida por brinquedos variados e jogos educativos se o profissional não explora ou estimula a criança. É esse profissional que irá propiciar momentos de lazer e criar condições necessárias para um brincar voltado para a recuperação (KAILER; MIZUNUMA, 2009).

Segundo Viegas (2007, p. 168):

A formação do brinquedista e seu reconhecimento pela Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri) são muito importantes, pela qualificação – não basta ter sensibilidade, é necessário ter o conhecimento do que está realizando e ter sensibilidade para realiza-lo.

Não basta o brinquedista apresentar os brinquedos, ensinar como eles funcionam e como devem brincar. Ele também precisa ser uma pessoa alegre que motive e traga conforto ao interno.

Alguns brinquedistas utilizam estetoscópio, luvas, seringas, máscaras, jalecos e ataduras como brinquedos imaginários. Estes acessórios também estimulam a criança a interagir com os profissionais, o ambiente, os procedimentos invasivos tornando a internação mais aceitável.

[...] com frequência, para aceitar, compreender e ultrapassar o problema vivido pela internação, a criança brinca de “ser médico”. Os “doentes” são suas bonecas, os ursos, os companheiros de quarto. Com roupas, máscaras, estetoscópios, aparelhos de medir pressão, seringas e bandagens, a criança brinca e representa sua própria condição de criança hospitalizada. Por meio de tais brincadeiras e encontra mecanismos para enfrentar seus medos e angustias. Estimular tais brincadeiras é auxiliá-la na sua recuperação (KISHIMOTO in FRIEDMANN, 1998, p.59).

É preciso fazer da brinquedoteca um local encantado em que as crianças se sintam tranquilas e esqueçam suas dores e medos.

A escolha dos brinquedos a serem usados em brinquedotecas hospitalares deve considerar: o risco de transmissão cruzada, o material do brinquedo e a sua possibilidade de limpeza e desinfecção. Os materiais indicados para uso em instituições hospitalares são os que permitem a desinfecção entre os usos, ou seja, de plástico, rígidos e não porosos. (GESSNER; GRUCHOUSKE, 2011, p. 185).

Para Dietz e Barros (2008, p. 185), normalmente os brinquedos dentro das instituições hospitalares, comuns em brinquedotecas, são de uso compartilhado, oferecendo, para as crianças que os manuseiam, risco de infecção.

A infecção hospitalar é o agravo de causa infecciosa adquirido pelo paciente após a admissão no hospital, que pode manifestar-se durante a internação ou após a alta, desde que relacionada à internação. Representa um problema importante das internações e para a qualidade da assistência em saúde, visto que sua incidência na pediatria aumenta gradativamente, devido: ao crescente número de procedimentos invasivos; aumento do período de internação; e, pelo uso indiscriminado de antibioticoterapia, situações essas que podem gerar o surgimento de germes resistentes. (DIETZ; BARROS, 2008, p. 188).

Por isso, é necessário cuidado na hora em que for pegar um brinquedo, livro ou revista na brinquedoteca. Especialistas alertam que os livros e revistas presentes na brinquedoteca também

deverão passar por medidas que diminuam o potencial de tornarem-se um veículo de transmissão de infecções. Dessa forma, necessita-se que sejam manuseados com as mãos higienizadas e suas capas deverão ser encapadas com material plástico, a fim de permitir a desinfecção, com Peresal 0,5%. (SVIDZINKI, 2007).

Aos pacientes que estão com infecções altas e que podem transmitir às outras crianças, ou aqueles que devem manter repouso impossibilitando-os de sair do leito, é interessante que tenha um transporte para levar o brinquedo até eles. Mas sempre (re)lembrando que após o uso é de extrema necessidade a higienização.

A Resolução nº 50, de 21 de fevereiro de 2002, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde orienta brinquedista e paciente:

Procurar e receber a orientação da equipe do Serviço de Controle de Infecção da unidade. O brinquedista e o paciente devem sempre lavar as mãos ao entrar e sair da brinquedoteca ou de algum outro ambiente da unidade, para evitar qualquer possibilidade de transmissão de doenças ou infecção tanto para o brinquedista quanto para o paciente. (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Para facilitar a higienização dos brinquedos é recomendado estabelecer uma rotina de higienização e armazenamento dos brinquedos. O espaço destinado a brinquedoteca deve ser limpo após a sua utilização e semanalmente.

A limpeza constantemente dos móveis que fazem parte do ambiente com produtos oportunos à desinfecção, lavagem de estofados e materiais ou brinquedos de pano, são medidas profiláticas para garantir um lugar confiável e seguro.

Algumas brinquedotecas não têm verbas para comprar brinquedos específicos e acabam recebendo doações. Independente do tipo do material do brinquedo, o importante é que o brinquedista esteja atento sempre à desinfecção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar é garantido por lei e tem papel fundamental no desenvolvimento infantil. É responsável pela diversão, emoção, coordenação, socialização, aprendizado em praticamente todas as fases da criança.

Este direito de brincar também está garantido inclusive durante a hospitalização do menor. A Lei Federal nº. 11.104/2005 preconiza a existência de brinquedotecas em hospitais pediátricos com regime de internação.

Pesquisadores chegaram à conclusão que a hospitalização infantil é uma experiência traumática e estressante à criança e seus familiares, pois a afasta do seu dia-a-dia, do convívio dos amigos e familiares. Devido à situação incomoda de medo e insegurança, o direito do brincar no ambiente hospitalar deve ser preservado e respeitado.

Com o resultado desta pesquisa foi possível constatar que a brinquedoteca não é apenas um passa tempo, é uma área na qual é possível desenvolver inúmeras habilidades de forma agradável, sempre se lembrando da necessidade dos brinquedos sempre serem higienizados e esterilizados para evitar contaminação.

Conclui-se que o brincar em hospitais é uma boa alternativa para a melhoria da qualidade de vida da criança durante a internação, pois colabora, integra paciente, familiares e profissionais da saúde.

Cabe a sociedade e aos profissionais envolvidos discernir sobre a importância destes conhecimentos e ampliar os estudos referentes às brinquedotecas hospitalares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECAS. Informação e documentação. São Paulo.

BRASIL. Lei n. 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n 55, seção1, p.1, 22 de março de 2005.

BRASIL. MEC. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/ SEESP, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Pediatria: prevenção e controle de infecção hospitalar. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Índice elaborado por Edson Seda. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1994.

CAPRA, F. O Ponto de Mutação. São Paulo: Ed. Cultrix, 2001.

CUNHA, N. H. S. A Brinquedoteca Brasileira. In: SANTOS, M. P. dos. Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos. 2^a ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

_____. Brinquedoteca: Um mergulho no brincar. 3^a ed. São Paulo: Vitor, 2001.

_____. & VIEGAS, D.. Brinquedoteca Hospitalar. s/ed. São Paulo: Guia de Orienta o, 2003.

DIETZ, K.G.O; BARROS, D.V. Brinquedotecas hospitalares, sua análise em fun o de critérios de qualidade. São Paulo. Universidade Metodista de São Paulo. Bol.Acad. Paul.Psicol: 2008.

FAVERO, L. DYNIEWICZ, A.M. SPILLER, A.P.M. et al. A Promo o no Contexto da Hospitaliza o Infantil como A o de enfermagem: Relato de Experiência. Cogitare Enferm. p.519-523. dez. 2007.

FRANÇANI, Giovana M ler; ZILIOLI, Daniela; SILVA, Patrícia Regina Ferreira; SANT'ANA, Roberta Paula de Melo.; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. Prescri o do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência   criança hospitalizada. Rev. Latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 5, p. 27-33, dezembro 1998.

FREIDMANN, A. O direito de Brincar: A Brinquedoteca. São Paulo: Scrita Abrinq, 1992.

GESSNER, Rafaela; GRUCHOUSKE, Fernanda. Protocolo de desinfec o de brinquedos em unidade de intern o pediátrica: vivência acad mica de enfermagem. Revista Ciência e Saúde, 2011.

HYPOLLITO, Din ia. Brinquedoteca. Anais do Encontro sobre Brinquedoteca, Universidade São Judas Tadeu, 2005.

ISIDÓRIO, P.B.. VI Curso de forma o de educadores brinquedistas e organiza o de brinquedotecas. In: Brinquedoteca Hospitalar. Curitiba PR. Serpi , v. 1. p. 64-67. 2009.

KAILER, P.G.L; MIZUNUMA, S. As contribui es dos brinquedistas hospitalares nas concep es dos profissionais de saúde. In: IX Congresso Nacional de Educa o/EDUCERE e II Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR. Outubro de 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br>.

KISHIMOTO, T. M. Diferentes tipos de brinquedoteca. In: Friedmann, A. O direito de brincar: A Brinquedoteca. 4. ed. São Paulo: Abrinq, 1992.

_____. Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educa o. 9^a ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

LEITE, T.M.C, ET AL. O brinquedo no hospital: Uma análise da produ o acad mica dos enfermeiros brasileiros. Esc Anna. Rev Bras Enferm. V.63,n 6,p.950-5, 2010.

NEGRINE, A. Brinquedoteca: teoria e prática. In: Santos, S. M. P. dos. Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, L.D.B, ET AL. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. Santa Catarina: Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano, p. 306-312, ago. 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v19n2/11.pdf>

OLIVEIRA, Vera Barros. O lúdico na realidade hospitalar. In: PAULA, E.M.A.T, et al. O brincar no hospital: ousadia, cuidados e alegria. In: MATOS, E.L.M. Escolarização Hospitalar: Educação e Saúde de mãos dadas para humanizar (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PIAGET, Jean. Aprendizagem e Conhecimento. In.: Aprendizagem e conhecimento. Tradução Equipe da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

RAMALHO, M. T. de B. A brinquedoteca e o desenvolvimento infantil. 2000. 140f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SANTOS, S. M. P. et al. Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 144p.

SILVA, S.M.M. Atividades lúdicas e crianças hospitalizadas por câncer: o olhar dos profissionais e das voluntárias. In E. Bomtempo, E. G. Antunha & V. B. Oliveira (Orgs.) Brincando na escola, no hospital, na rua. Rio de Janeiro, 2006.

SOLÉ, M. de B. *O jogo infantil*: organização das ludotecas. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1992.

SVIDZINKI, A.E. Eficiência do ácido peracético no controle de staphylococcus aureus metilicina resistente. Cienc Cuid Saúde. 2007;6(3):312-318.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.